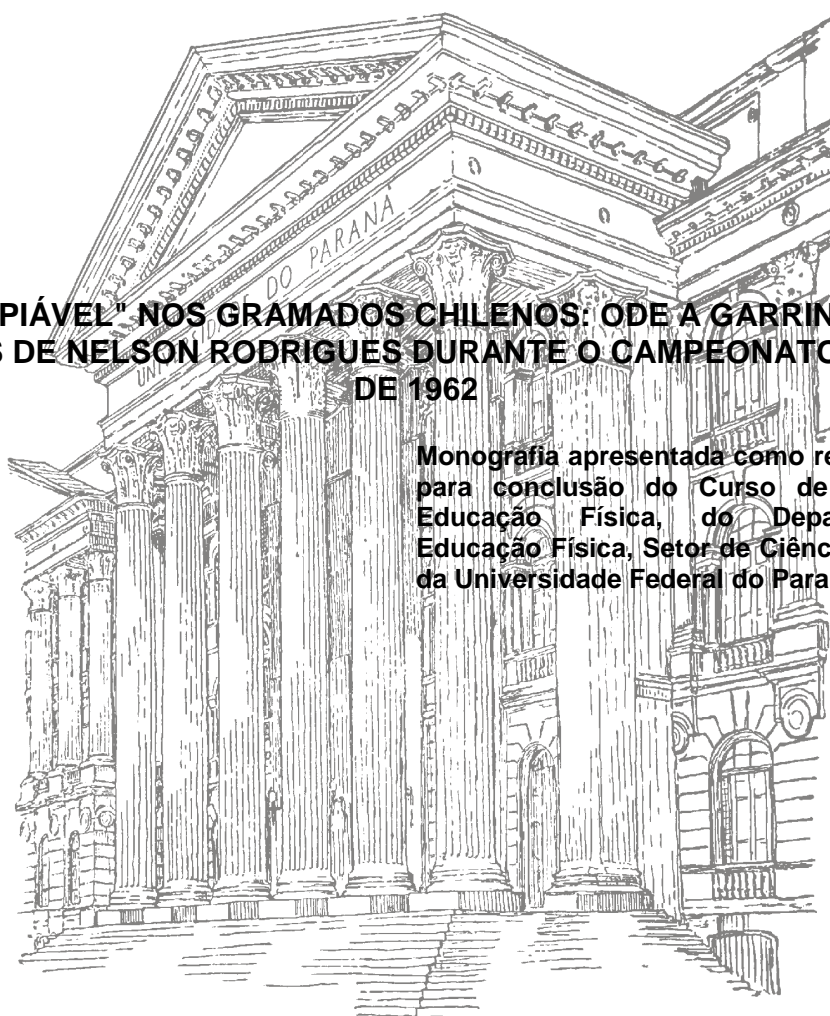


GISELE DALL'AGNOL MUSSE

**"O INCOPIÁVEL" NOS GRAMADOS CHILENOS: ODE A GARRINCHA EM
CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES DURANTE O CAMPEONATO MUNDIAL
DE 1962**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Bacharel em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2014

GISELE DALL'AGNOL MUSSE

**"O INCOPIÁVEL" NOS GRAMADOS CHILENOS: ODE A GARRINCHA EM
CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES DURANTE O CAMPEONATO MUNDIAL
DE 1962**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Bacharel em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

ORIENTADOR: PROFº DR. ANDRÉ MENDES CAPRARO

TERMO DE APROVAÇÃO

GISELE DALL'AGNOL MUSSE

**"O INCOPIÁVEL" NOS GRAMADOS CHILENOS: ODE A GARRINCHA EM
CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES DURANTE O CAMPEONATO MUNDIAL DE
1962**

Monografia aprovada como requisito parcial para à obtenção do grau de Bacharel em Educação Física no Curso de graduação em Bacharelado em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. André Mendes Capraro
Orientador – Departamento de Educação Física, UFPR.

Prof. Mestre Riqueldi Straub Lise
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPR.

Profª Ana Paula Prestes de Souza
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPR.

Curitiba, 03 de dezembro de 2014.

Para meus familiares, pelo incentivo e oportunidade
de estudar.

Para Samarone Dória e Mariana Musse, por
me apoiarem sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma ao meu percurso acadêmico. Em especial, agradeço:

Professor Dr. André Mendes Capraro, pela orientação e incentivo.

Professora Dr^a Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes Minasse, Professora Dr^a Letícia Godoy e Professor Dr. Oslei Matos, exemplos de competência, amor e dedicação à docência, por serem fonte de inspiração durante minha jornada acadêmica. À querida Professora Dr^a Letícia Godoy agradeço ainda pelo incentivo, apoio e pelas doces palavras de motivação nos momentos difíceis.

Ana Paula Prestes de Souza e Riqueldi Straub Lise, pelas contribuições, sugestões e pela disponibilidade em auxiliar neste trabalho.

Meus alunos (e pais e mães de alunos), pela confiança e paciência durante meu processo de aprendizagem e preparação para a docência.

Grazielle, Marina, Priscila e Gilson, amigos e colegas de graduação, por estarem sempre presentes e compartilharem tanto de momentos bons e alegres, quanto de momentos difíceis. Agradeço pela parceria de sempre nos estudos, nos trabalhos, no tempo de lazer e, principalmente, pelo apoio durante todos esses anos de graduação.

Meus amigos, que compreenderam e aguentaram minhas ausências, reclamações e cansaço principalmente nos dois últimos anos da graduação nos quais cursei concomitantemente o mestrado.

Meus familiares, que me apoiaram e acompanharam nessa jornada.

Samarone de Sousa Cristo Dória, pela paciência, compreensão, atenção, amizade, amor e carinho.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo observar como Nelson Rodrigues (re)cria, por meio de suas crônicas durante a Copa do Mundo de 1962, um personagem que é um estereótipo de um herói às avessas (como Macunaíma), colaborando para, posteriormente, o estabelecimento de uma sólida memória sobre o jogador Garrincha. Para tanto, foram selecionadas para análise quatro crônicas de Nelson, publicadas durante a realização da Copa de 1962, nas quais o escritor faz menção a Garrincha, a saber: *O Brasil desencadeado*; *O escrete de loucos*; *O homem formidável do Brasil*; e *Garrincha, o passarinho apedrejado*. A análise literária foi pautada na perspectiva de Carlo Ginzburg (2004) no que se refere à literatura de fronteira, e nas questões acerca do binômio texto e contexto de Antônio Candido (2000). Com base na análise executada, foi possível inferir que Garrincha foi considerado um dos melhores jogadores da Copa de 1962, e transformado em personagem heroico nos textos em questão. Nelson Rodrigues considerava Garrincha como um jogador *hors concours*, decisivo em momentos importantes, cuja habilidade de driblar derivada da mestiçagem do povo brasileiro – que conferiam ao modo de jogar a criatividade, a agilidade, a ginga e a alegria – se misturava com a “alma leve de passarinho”.

Palavras-chave: crônica esportiva, futebol, Nelson Rodrigues, Garrincha.

ABSTRACT

This study focus to observe how Nelson Rodrigues recreates, through its chronic during the World Cup of 1962, a character who is a stereotype of a hero in reverse (as Macunaíma), contributing to later establish a solid memory about the player Garrincha. So, were selected for analysis four Nelson's chronicles published during the course of the World Cup of 1962, in which the writer mentions Garrincha, namely: *Triggered Brazil*; *The crazy team*; *The formidable man in Brazil*; and *Garrincha, the stoned bird*. The literary analysis was based on the prospect of Carlo Ginzburg (2004) with regard to the boundary literature genre, and issues based in the relations between the text and the context developed for Antonio Candido (2000). Based on analysis, it was possible to infer that Garrincha was considered one of the best players of the 1962 World Cup, and transformed into heroic character in the studied texts. Nelson Rodrigues considered Garrincha as a player hors concours, decisive in important moments, whose ability to dribble derived from the miscegenation of the Brazilian people – that gave you the way to play creativity, agility, swing and joy – mixed with the "soul light bird".

Key-words: sporting chronicle, soccer, Nelson Rodrigues, Garrincha.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA	9
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2.2 Objetivo Específico.....	9
2 METODOLOGIA	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1 O GÊNERO CRÔNICA.....	12
3.2 NELSON RODRIGUES	14
3.3 A COPA DO MUNDO DE 1962	16
4 O GARRINCHA DE 1962 POR NELSON RODRIGUES	19
4.1 O BRASIL DESENCADEADO.....	20
4.2 O ESCRETE DE LOUCOS.....	22
4.3 O HOMEM FORMIDÁVEL DO BRASIL.....	25
4.4 GARRINCHA, PASSARINHO APEDREJADO	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
FONTES	31
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS	35

1 INTRODUÇÃO

Garrincha é considerado um dos maiores jogadores da história do futebol tanto no cenário nacional quanto no cenário internacional. De acordo com memorialistas de sua época, tornou-se notável pela habilidade de seus dribles desconcertantes, mesmo tendo pernas tortas. Atuou profissionalmente entre as décadas de 1950 e 1970, período que segue os anos iniciais da profissionalização do futebol no Brasil. Durante a carreira, jogou pela seleção brasileira – incluindo as Copas de 1958 e 1962, nas quais o Brasil conquistou o campeonato e o bicampeonato mundial – e em diversos clubes, cuja passagem mais duradoura foi no Botafogo de Futebol e Regatas.

Na Copa de 1962, Garrincha foi considerado o grande nome do campeonato e o melhor jogador do mundo para muitos comentaristas especializados. Devido a uma lesão que tirou Pelé – considerado, até então, o melhor jogador da seleção – dos gramados, Garrincha tornou-se o foco principal em se tratando de seleção brasileira, sendo assunto nas manchetes de vários jornais ao redor no mundo. O jornal chileno *El Mercurio*, por exemplo, perguntou na manchete “¿De que planeta viene Garrincha?”, assim que a seleção brasileira derrotou os donos da casa.

O auge da carreira do jogador corresponde também ao início da sua decadência (CASTRO, 1995). Após a Copa de 1962, as infiltrações no joelho do jogador começaram a ocorrer com certa frequência e pouco a pouco foram o afastando dos gramados. Garrincha ainda participou da Copa de 1966, na Inglaterra, e marcou um gol de falta contra a Bulgária, mas a seleção brasileira foi eliminada logo na primeira fase. Com dores no joelho e se afastando dos gramados, a bebida alcoólica tornou-se companheira do ponta-direita. O jogador faleceu aos 49 anos, vítima do alcoolismo (CASTRO, 1995).

Durante a Copa de 1962, a transmissão dos jogos era feita apenas via rádio. Uma fita com o videotape da partida era enviada ao Brasil após os jogos, mas era transmitida apenas um ou dois dias após a partida. Além dos rádios, as formas mais utilizadas na época, então, como fonte de informação, eram as reportagens publicadas diariamente nos jornais, dentre elas, a crônica. Já consolidada no meio impresso, a crônica esportiva era um dos recursos pelos quais torcedores conseguiam vislumbrar, ainda que de modo fantasioso, aos jogos e seus

personagens. Nelson Rodrigues, um dos principais cronistas esportivos na época e também um dos mais criativos, compartilhava a sua paixão pelo futebol por meio de suas crônicas, caracterizadas pelo toque de paixão, teatralidade e exageros típicos, sendo Garrincha – bem como Didi e Pelé – um dos seus personagens preferidos.

Esse período caracterizou-se pela discussão e formação da identidade brasileira, sendo o futebol seu grande propulsor.

1.1 PROBLEMA

A partir dessas informações, questiona-se: como Nelson Rodrigues (re)cria, por meio de suas crônicas durante a Copa do Mundo de 1962, um personagem que é um estereótipo de um herói às avessas (como Macunaíma), colaborando para, posteriormente, o estabelecimento de uma sólida imagem sobre o jogador Garrincha?

1.2 OBJETIVOS

Visando chegar ao propósito do projeto, foram traçados objetivos gerais e específicos, conforme serão citados a seguir.

1.2.1 Objetivo Geral

Observar como Nelson Rodrigues (re)cria, por meio de suas crônicas durante a Copa do Mundo de 1962, um personagem que é um estereótipo de um herói às avessas (como Macunaíma), colaborando para, posteriormente, o estabelecimento de uma sólida imagem sobre o jogador Garrincha.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Selecionar algumas crônicas de Nelson Rodrigues publicadas no período da Copa do Mundo de 1962, no Chile, em que o escritor discorra sobre o jogador Garrincha;

- Observar qual a construção do personagem Garrincha que Nelson Rodrigues faz em tais crônicas.

2 METODOLOGIA

Com base nesses apontamentos e a fim de responder ao questionamento proposto, buscou-se analisar crônicas cujo critério de seleção deveria atender as seguintes condições: a) terem sido escritas e publicadas no período de realização do mundial de futebol de 1962; b) mencionassem, em algum momento, o jogador Garrincha; c) terem sido escritas pelo cronista Nelson Rodrigues. A opção por esse período justifica-se por se tratar do auge da carreira – e também, início da decadência – do jogador em questão. Optou-se pelas crônicas de Nelson Rodrigues por este ser um dos principais cronistas da época pesquisada. Para seleção das fontes, utilizou-se de crônicas do livro *A Pátria de Chuteiras* (2013), que se trata de uma compilação de crônicas de Nelson Rodrigues.

Deste modo, foram analisadas quatro crônicas: *O Brasil desencadeado*¹; *O escrete de loucos*²; *O homem formidável do Brasil*³; e *Garrincha, o passarinho apedrejado*⁴. A análise literária da pesquisa será pautada na perspectiva de Carlo Ginzburg (2004) no que se refere à literatura de fronteira, na qual o gênero crônica está inserido. Enquanto literatura de fronteira (GINZBURG, 2004), as crônicas se apresentam aos leitores na estreita relação entre ficção e realidade, entre a literatura e o fato, de modo que estas se aproximam do cotidiano do leitor. Somado a isso, será levado em consideração as reflexões pertinentes ao binômio texto e contexto, proposto por Antonio Candido (2000), que considera tanto as questões internas quanto as externas que permeiam a obra.

De acordo com Candido (1992), o gênero crônica seria definido como uma intersecção entre literatura, jornalismo e vida social e cotidiana, cujo caráter é provisório, momentâneo. Tendo em vista que circula em jornais, a crônica trata de notícias do dia a dia, no intuito de atrair o leitor. Nesse sentido, Oliveira (2010, p.19)

¹ Publicada originalmente no *Jornal dos Sports*, 16 jun. 1962.

² Publicada originalmente na revista *Fatos & Fotos*, edição histórica, jun. 1962.

³ Publicada originalmente no *Jornal dos Sports*, 20 jun. 1962.

⁴ Publicada originalmente na revista *Fatos & Fotos*, 23 jun. 1962.

destaca que “[...] a crônica caracteriza-se por retirar sua força dos fatos do cotidiano e dos acontecimentos diários que estimulam a reflexão do cronista em torno desses fatos, o cronista emite uma visão subjetiva, pessoal e, até mesmo crítica”.

A polêmica em torno do gênero literário enquanto sua utilização como fonte tem relação com a própria definição desse gênero. Sevcenko (1999, p.20) afirma que a literatura “[...] é um produto do desejo, seu desejo maior é com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mas do que com o seu estado real”. Daí o desafio do historiador de considerar, além da subjetividade do autor da obra com relação ao modo de perceber, interpretar e transmitir um fato, considerar também a própria construção artística da narrativa.

No Brasil, o futebol foi posto e reforçado por literatos – principalmente através das crônicas –, como uma prática essencialmente nacional, cujas peculiaridades do jogador brasileiro seriam a ginga, a malícia e o imprevisto no jogo (SOARES, 2003). Portanto, entendendo o futebol como fenômeno social e cultural e de relevância no cenário nacional, tais apontamentos levam a acreditar que a divulgação e a preservação da memória de um jogador emblemático como Garrincha pode contribuir para melhor compreensão do futebol nacional. Soma-se a isso à importância que preservação da memória futebolística representa para conservação de fatos históricos marcantes da sociedade e para a formação da identidade nacional.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar a pesquisa proposta, faz-se necessária a reflexão sobre alguns assuntos relacionados ao tema do estudo em questão, que servirão como base teórica da pesquisa. Nos tópicos a seguir, serão abordadas questões referentes ao gênero crônica – enfatizando o subgênero crônica esportiva –, considerações sobre o cronista Nelson Rodrigues e sobre a Copa do Mundo de Futebol de 1962.

3.1 O GÊNERO CRÔNICA

O surgimento da crônica data de meados do século XIX, por influência do jornalismo francês nos espaços dos jornais denominados folhetins, que eram seções de variedades bastante frequentadas por nomes importantes do jornalismo e da literatura. Com avanços da imprensa, deixaram o rés-do-chão dos jornais e ganharam novos espaços nos próprios jornais e também em revistas.

Vários escritores brasileiros de renome nacional, como Lima Barreto, Coelho Netto, Olavo Bilac, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato, se dedicaram às crônicas – ainda que não exclusivamente – desde o início do século XX, nas quais abordavam questões gerais associadas ao cotidiano, na forma de colunismo social (CAPRARO, 2005).

Logo que surgiu, a crônica compartilhou de assuntos dos jornalistas, de modo que os cronistas tornaram-se comentaristas da crônica policial, social e de economia, por exemplo. Com o passar do tempo, a crônica assumiu características de humor e subjetividade, que por sua vez, guiaram o gênero para um caminho próprio. Candido (1992, p. 15) afirma que a crônica “[...] foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo) para ficar, sobretudo, com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro”.

Apesar de estarem inseridas no meio jornalístico, as características das narrativas literárias que compõe a crônica ultrapassam a maneira de escrita do texto jornalístico. Entre os componentes literários do subgênero crônica, Jorge de Sá (1987) destaca a aparente simplicidade – sem perda da sua qualidade textual –, as características de síntese e urgência da escrita, o coloquialismo elaborado, o diálogo, o “toque de lirismo reflexivo” (SÁ, 1987, p. 11) e a complexidade de emoções – como as dores e as alegrias humanas.

Essas características justificam-se principalmente pelo meio em que a crônica é veiculada: jornais e revistas. A simplicidade é decorrente do público ao qual é destinada, ou seja, o leitor de jornal, da publicação ocorrer em imprensa periódica, e do pouco espaço destinado a ela, que por sua vez, ocasiona a síntese. Embora simples, os recursos da linguagem literária são mantidos. O caráter de urgência ocorre devido ao jornal ou a revista geralmente terem publicações diárias e

que tratam de assuntos do cotidiano, portanto, a informação relevante deve ser imediata, de um dia para o outro (SÁ, 1987).

Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou ferrar o chão da cozinha (CANDIDO, 1992, p. 6).

A outra característica é o coloquialismo elaborado, cuja escrita se assemelha a uma conversa entre narrador e leitor, porém, as características textuais são mais elaboradas, de modo que a linguagem escrita não seja uma mera reprodução da fala. Desse modo, a qualidade da crônica aproxima-se dos outros gêneros literários. Já o toque de lirismo reflexivo está relacionado à influência poética e de pensamento que o narrador faz, influenciado pela observação da realidade do cotidiano (SÁ, 1987).

Candido (1992) afirma que a crônica não é um gênero maior porque privilegia a liberdade da escrita, a simplicidade e por não estar presa a um estilo rígido. Por outro lado, são essas mesmas características que, segundo o autor, aproximam o leitor e estimulam e garantem a permanência da crônica.

Além de evidenciar rapidamente acontecimentos do dia-a-dia através da publicação no dia de hoje de eventos que ocorreram ontem ou há poucos dias, os cronistas utilizam-se de “recursos literários variados, como a sátira, o drama, a contundência, a acidez, a lógica, o cinismo, o humor, a narrativa direta, entre outras” (CAPRARO, 2007, p.32).

A consolidação da crônica esportiva enquanto um subgênero da crônica, com publicações periódicas sobre esporte e o surgimento de cronistas especializados no assunto, ocorre a partir de Mário Filho e do *Jornal dos Sports*, na década de 1940, quando se solidifica o crescimento da imprensa esportiva, firmando-se como um espaço cujos acontecimentos esportivos podem ser tratados com liberdade. A inserção de crônicas de futebol nos jornais brasileiros coincide com o início da prática desse esporte no Brasil por jovens da elite, que foi ganhando importância e espaço dentro do jornal na medida em que o futebol foi se popularizando e ganhando adeptos – sejam praticantes ou espectadores. A maior parte da produção dos mais renomados cronistas brasileiros de futebol, como Mário

Filho, Armando Nogueira, João Saldanha, Stanislaw Ponte Preta e Nelson Rodrigues, corresponde ao período entre as décadas de 1950 e 1970 (SILVA, 1997).

Capraro (2007) afirma que, dos gêneros literários, a crônica é o que mais tem proximidade com o futebol. Durante algumas décadas, a crônica foi o gênero que mais publicou sobre esse esporte, enraizando-se na cultura brasileira até tornar-se gênero de tradição no jornalismo brasileiro e fenômeno de massa. A crônica passou então a ser um espaço de discussão sobre a identidade nacional, com cronistas engajados e emocionalmente envolvidos com o futebol.

Possivelmente essa aceitação da crônica esportiva ocorra porque através dela o futebol tem espaço para maior interpretação, ao contrário de outros espaços do jornal destinados a acontecimentos sobre futebol, que são mais objetivos e, de certa forma, presos aos fatos.

3.2 NELSON RODRIGUES

Nelson Rodrigues desempenhou desde a adolescência pequenas tarefas nos jornais do pai, o polêmico jornalista Mário Rodrigues. Já em 1925, Nelson trabalhava na página policial do jornal *A Manhã*, inicialmente fez apenas trabalhos por telefone, e posteriormente começou a escrever algumas matérias. Anos depois, no jornal *Crítica*, Nelson Rodrigues passou a escrever matérias policiais, incluindo a visita ao local do crime para recolher informações (CASTRO, 1992). A carreira de repórter esportivo iniciou na década de 1930, no jornal *O Globo*, porém seus textos não eram assinados (SANTOS, 2012).

A partir da metade da década de 1950, Nelson Rodrigues passa a escrever crônicas para o jornal *Última Hora*, revista *Manchete Esportiva*, *Jornal dos Sports* – no qual inaugura a coluna diária – e jornal *Diário da Noite* – já na década de 1960. Retorna para o jornal *O Globo* nas décadas de 1960 e 1970 (SOUZA, 2006, *apud* SANTOS, 2012).

Apesar de ter iniciado sua carreira no jornal, noticiando fatos policiais e, posteriormente, escrevendo sobre outros temas, principalmente futebol e cultura em geral, foi como dramaturgo que Nelson Rodrigues ganhou destaque e reconhecimento na literatura brasileira. Antes de iniciar o trabalho de produção de suas crônicas esportivas, o dramaturgo já havia deixado sua contribuição no teatro

brasileiro. Anos depois, iniciou a produção de suas crônicas esportivas, não exclusivamente porque gostava, mas porque o trabalho com a dramaturgia não dava o retorno financeiro necessário, sendo preciso, então, uma fonte de renda complementar. Deste modo, assim como muitos outros escritores – como Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis e José de Alencar – Nelson Rodrigues não se dedicou exclusivamente às crônicas. Simultaneamente, escreveu também romances e contos, tendo se destacado pela série *A vida como ela é*, publicada no jornal *Última Hora* (CAPRARO, 2007).

Independentemente do gênero que escrevia, os textos de Nelson Rodrigues situavam-se na intersecção entre o factual e o fictício. Uma das características que o diferenciam dos demais cronistas contemporâneos a ele é a teatralidade que o autor insere em seus textos (MARQUES, 2000). Nelson Rodrigues levou às crônicas esportivas, aos contos e outras produções, a característica fundamental dos palcos: a dramaticidade (SANTOS, 2012).

Apaixonado por futebol e pelo Fluminense, Nelson Rodrigues destaca-se pela quantidade de produções literárias que tratam do tema. Escreve seus textos sob a ótica de um cronista apaixonado, e, na condição de torcedor, carrega suas crônicas de subjetividade (SANTOS, 2012).

Mesmo antes da conquista do campeonato e do bicampeonato mundial de futebol em 1958 e 1962, Nelson tratava o futebol como uma das paixões do povo brasileiro, através de discursos carregados de nacionalidade, mesmo após as derrotas da seleção brasileira, já que o cronista acreditava que o Brasil sempre teve o melhor *escrete* do mundo (SANTOS, 2012).

Capraro (2007, p. 3) menciona que Nelson “[...] foi um dos primeiros intelectuais a sentir e trabalhar em suas crônicas com a dicotomia entre racionalidade/ paixão manifesta na prática do futebol, especialmente no Brasil”. Nessa perspectiva, o cronista não se contenta apenas em documentar um jogo propriamente dito, mas procura investigar e narrar os casos particulares, os sentimentos dos jogadores, da comissão técnica, do juiz e de outros envolvidos na situação, enaltecendo e/ou criticando qualquer personagem ou resultado que seja.

Deste modo, o futebol para Nelson Rodrigues era uma mistura de fantasia e exagero. Somados a esses elementos, o discurso baseado no enaltecimento do homem brasileiro e na constituição do futebol como fator identitário brasileiro, cuja representação máxima, para ele, era a miscigenação, que por sua vez,

impulsionados pela molecagem, era o elemento gerador dos resultados positivos do *escrete* brasileiro em relação às demais seleções.

São textos que têm a escrita ágil característica de Nelson, com a peculiaridade de sustentarem uma maneira sofisticada de perceber o futebol. De crônica em crônica, ele sintetiza a noção de uma 'alma brasileira', ao associar o futebol à concepção de uma identidade nacional (VOGEL, 1997, p. 2).

O cronista acreditava que “[...] o mulato era a personificação de uma brasilidade definida pela criatividade, agilidade, ginga e alegria, elementos que [...] se faziam visíveis ao longo das partidas de futebol” (SANTOS, 2012, p. 34). Desse modo, Nelson Rodrigues acreditava na maneira peculiar brasileiro de se jogar futebol, que se baseava na agilidade e improvisação do mestiço brasileiro.

A partir desses dados, pode-se dizer, então, que as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues tratam de assuntos que vão além do próprio futebol, pois o cronista aborda várias questões ligadas à condição humana e particularidades que influenciariam o esporte, como, por exemplo, questões metafísicas capazes de influenciar o andamento de uma partida e a figura do jogador excepcional superior aos demais.

3.3 A COPA DO MUNDO DE 1962

Entre os dias 30 de maio e 17 de junho de 1962 foi realizada no Chile a sétima edição da Copa do Mundo de Futebol. As partidas ocorreram nas cidades de Arica, Rancagua, Viña Del Mar e Santiago. Ao todo, participaram do campeonato mundial de futebol dezesseis seleções, sendo seis americanas – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Uruguai – e dez europeias – Alemanha Ocidental, Bulgária, Espanha, Hungria, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, Suíça, Tchecoslováquia e União Soviética⁵.

A disputa pelo título da Copa de 1962 ficou entre a seleção da Tchecoslováquia, que havia eliminado a Iugoslávia, e a seleção brasileira, que havia

⁵ Em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa2006/interna/0,,OI683725-EI5500,00.html>> Acesso em: 26 junho 2014.

eliminado o Chile – os donos da casa. O placar final foi de 3x1 para a seleção brasileira, que se consagrou como bicampeã mundial.

Tal como na Suécia em 1958, o Brasil sofreu o primeiro gol no começo do jogo e não se abalou. Desta vez, não foi Didi que caminhou com a bola até o meio do campo para acalmar o time, mas Nilton Santos. O Brasil empatou dois minutos depois com Amarildo e desempatou com Zito ainda no primeiro tempo. O terceiro gol, de Vavá, foi apenas um adeus à Tchecoslováquia. A Copa terminou em olé, com Garrincha pondo o pé sobre a bola e esperando que um adversário viesse tentar toma-la. Ninguém se atreveu (CASTRO, 1995, p. 262).

Um consenso entre a imprensa que fez a cobertura do evento é que Garrincha, disputando sua segunda Copa, foi o grande nome do campeonato. Um dos fatos que contribuíram para que o jogador se destacasse foi o incidente ocorrido com Pelé, considerado na época um de seus mais importante jogadores, que se lesionou logo no segundo jogo do campeonato contra a Tchecoslováquia, aos 25 minutos do primeiro tempo. A distensão no músculo adutor da virilha direita tirou Pelé da disputa. Amarildo, que entrou em seu lugar, jogou todos os próximos jogos até a final (CASTRO, 1995).

Com Pelé fora do campeonato, os caminhos se abriram para que Garrincha assumisse o posto de principal jogador brasileiro no mundial, sendo considerado um jogador “[...] fantástico, incrível, extraordinário” (*Jornal do Brasil*, 12 jun. 1962, p. 1).

Após a contusão de Pelé, a seleção foi comandada em campo por Mané imprevisível driblou centenas de vezes, chutou bolas nas traves, fez assistências e marcou quatro gols, incluindo fora de suas características de perna esquerda e de cabeça. A taça do mundo em 62 continuava no Brasil. Aquela foi, sem dúvida a taça de Garrincha sob todos os aspectos (FRANCO, 2007, p. 135).

Um fato curioso ocorrido nas semifinais do mundial de 1962, no jogo entre Brasil e Chile, foi a expulsão de Garrincha, que reagiu aos pontapés, dedos nos olhos e cotoveladas do zagueiro chileno Eládio Rojas com um *tostão* – um golpe com o joelho – nas nádegas do seu adversário. Embora a suspensão automática não estivesse prevista, era quase certo que a expulsão na semifinal impediria Garrincha de disputar a final. Para absolver o jogador, houve toda uma movimentação após a partida, e Garrincha pôde jogar o jogo que decidiria o campeão. Narrativa descrita de forma romanceada pelo principal biógrafo do atleta (CASTRO, 1995).

Em um estudo de reportagens sobre a Copa de 1962, Bartholo *et. al.* (2010) identificaram que a imprensa noticiou cada vitória da seleção brasileira como um triunfo do Brasil. As reportagens mencionavam a alegria que invadia as ruas a cada vitória do time e que o otimismo aumentava e enchia o povo de esperanças conforme as etapas finais do mundial se aproximavam.

Os dias que antecedem a grande final trazem as manchetes: “O último *dribling*” (*Jornal do Brasil*, 17 e 18 jun. 1962, p. 11), “Copa fez justiça ao simples e diabólico seu Mané Garrincha” (idem, p. 23), “Brasil decide o título sem mudar o time” (idem, p. 24) e “Brasil enfrenta um time que joga com a cabeça e o coração” (idem, *ibidem*). Essas matérias destacam tanto o talento individual brasileiro, encarnado nessa Copa na figura de Garrincha, como a grande campanha que o time vinha fazendo, apontando o Brasil como o favorito ao título. Garrincha torna-se paradigma da identidade de nosso futebol alegre e gingado (BARTHULO *et al.*, 2010, p.12).

Durante a Copa de 1962, a transmissão ao vivo dos jogos ainda era realizada apenas via rádio. Porém, naquele ano os videotapes dos jogos disputados pela seleção brasileira já eram transmitidos por algumas emissoras de televisão, mas eles só chegavam ao Brasil depois do jogo e a exibição ocorria apenas no dia seguinte. Inovadora, a Rádio Bandeirantes preparou um esquema especial para que os torcedores da capital paulista pudessem acompanhar a seleção brasileira no mesmo instante em que o jogo era realizado: montou um painel luminoso na Praça da Sé, com vários alto-falantes ao redor; esse painel simulava um campo de futebol e era coberto com lâmpadas, que funcionavam através de interruptores (SOARES, 1994).

Os locutores que irradiavam os jogos receberam instruções para dar permanentemente a posição da bola no campo, no Chile. Em São Paulo, o operador acendia as lâmpadas de acordo com o movimento da bola. Esse arremedo de irradiação direta da imagem atraiu multidões de torcedores à Praça da Sé (Soares, 1994, p. 55).

Embora as imagens em si da partida final e da comemoração do bicampeonato só pudessem ser vistas no dia seguinte – apesar de todo esse esquema montado – a narração via rádio era suficiente para um país sentir a emoção de ser bicampeão mundial: “[...] o Brasil era bi. Os jogadores deram a volta olímpica e Mauro levantou a Jules Rimet. Zagalo, Nilton Santos, Gilmar e outros choraram de novo – era impossível ser blasé diante da Copa do Mundo (CASTRO, 1995, p. 263). A conquista do bicampeonato mundial e a vitória nesse campo

simbólico que é o do futebol, foi uma forma da nação se afirmar no cenário internacional e tentar superar o “complexo de vira-latas do brasileiro” (outro conceito formulado por Nelson Rodrigues) que aparentemente tinha sido resolvido com a conquista do título na Copa de 1958. Porém, mesmo com as conquistas consecutivas, Nelson Rodrigues não conseguiu se desvencilhar desse sentimento em suas crônicas.

4 O GARRINCHA DE 1962 POR NELSON RODRIGUES

Embora a imagem de Nelson Rodrigues seja de um apaixonado por futebol, existiam indícios de que havia outras motivações para que ele escrevesse crônicas esportivas. Sua verdadeira paixão era a dramaturgia, porém como o teatro não era uma fonte que rendia grandes contribuições financeiras, sua criatividade foi revertida para a produção de crônicas como uma solução para o problema.

Apesar dessas considerações, a partir dos textos selecionados e dos trechos analisados, fica evidente a proximidade de Nelson Rodrigues com o futebol e a predileção por Garrincha, tendo em vista que a biografia do atleta permitia que o escritor usasse da sua típica criatividade teatralizada. Além de noticiar fatos sobre o mundo futebolístico, a relação entre o cronista esportivo e o esporte é de um crítico apaixonado; de um torcedor que não apenas assiste, mas vivencia a partida e os lances do jogo com a emoção que por vezes se transforma em sentimento de alegria, expectativa, confiança, euforia, e por vezes de tristeza, frustração, entre outros.

Nelson inicia os quatro textos analisados – bem como boa parte de outras crônicas – com a simples e breve palavra “Amigos”, como se estivesse conversando com seu leitor de maneira informal, como se fosse íntimo do seu público. Embora não deixasse de seguir as normas da língua escrita, a característica textual de Nelson Rodrigues aproxima-se mais da oralidade, a qual atinge o objetivo ao propiciar a aproximação texto-leitor típica das crônicas. Sobre a aproximação entre a oralidade e a língua escrita, Jorge Sá é positivo ao afirmar que “[...] o coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a

elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata” (SÁ, 1985).

A respeito da Copa do Mundo do Chile, Nelson Rodrigues destaca Garrincha como um dos grandes responsáveis pela conquista do bicampeonato mundial. Descreve vários momentos do jogador em campo, apontando várias ocasiões em que Garrincha foi decisivo nas partidas.

Nesses textos, Garrincha é visto por Nelson Rodrigues, amante do futebol – sobretudo do futebol arte –, como um exemplo de jogador *hors concours*. Através da narração de momentos do jogador em campo, por sinal, que não assistira *in loco*, Nelson descreve Garrincha como um ídolo, exaltando suas principais qualidades e habilidades.

A seguir, serão apresentadas as características atribuídas ao jogador Garrincha por Nelson Rodrigues nas crônicas selecionadas, e que construíram uma determinada imagem do personagem da Copa de 1962, que, de certa forma, favoreceram a construção da imagem estereotipada do jogador em questão, a qual prevaleceu por muito tempo no cenário futebolístico nacional.

4.1 O BRASIL DESENCADEADO

Na crônica *O Brasil Desencadeado*⁶ (RODRIGUES, 2013), publicada às vésperas da final da Copa de 1962, o cronista esportivo utiliza-se da sua condição de teatrólogo e dramatiza a expectativa que se tinha sobre o confronto final que seria disputado entre Brasil e Tchecoslováquia e que definiria o destino do *escrete* na esperança da conquista do bicampeonato mundial.

Em meio à dramatização da leitura que elaborou a respeito da expectativa para a “[...] partida mais dramática de toda a sua [seleção brasileira] história” (RODRIGUES, 2013, p. 26) e ao exagero tipicamente rodrigueano, Garrincha é descrito como um jogador único, com habilidades que vão além das de outros jogadores, e ainda acrescenta que ele seria, de certa forma, o jogador que daria a garantia de sucesso ao time na hora da decisão: “Temos Garrincha. E o Mané,

⁶ Originalmente publicada na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”, coluna de canto de página do *Jornal dos Sports* assinada por Nelson Rodrigues no final da década de 1950 e anos iniciais de 1960. A partir de 1963, a coluna passou a se chamar Futebol e Gente, ganhou destaque nas páginas do jornal ocupando três colunas (MARQUES, 2000).

sozinho, com o seu gênio individual vale por um time” (RODRIGUES, 2013, p. 26). Nelson Rodrigues era tão criativo que conseguiu “inventar” o Garrincha das crônicas somente ouvindo as narrações no rádio.

Percebe-se que nas crônicas rodrigueanas importantes jogadores assumem a figura de herói, que, por sua vez, são dotados de capacidades excepcionais que transcendem a condição de simples homens e jogadores. E Garrincha assume, então, essa condição do gênio que está acima da condição humana. Enquanto muitos especialistas em futebol disseminavam argumentos contra, Nelson Rodrigues acreditava e defendia insistentemente no escrete brasileiro. A partir dessa constatação, alguns pesquisadores acreditam que o cronista enaltecia Garrincha não apenas por acreditar no jogador, mas por ser uma forma de afirmar que estava certo enquanto sua crença no futebol brasileiro.

A principal habilidade motora destacada por Nelson Rodrigues nos seus textos e que conferiam a Garrincha o título de “gênio individual” é o seu jeito peculiar de driblar. O futebol-arte de Garrincha, com seus dribles desconcertantes e suas jogadas improváveis eram um espetáculo à parte nas partidas de futebol no auge de sua carreira, e conferiam ao jogador uma habilidade diferenciada dos demais jogadores e, conseqüentemente, posição garantida no time (Castro, 1995).

De acordo com a volubilidade do gênero crônica, os temas abordados nos textos acompanham o discurso que estava sendo proferido naquele momento. As crônicas em questão foram publicadas em uma época em que havia todo um discurso a respeito da formação da identidade nacional, tendo o futebol como um dos principais geradores dessa discussão. Percebe-se que o discurso de Nelson Rodrigues em 1962 sobre a mestiçagem acompanha o nacional, tanto que Garrincha, mestiço, é visto pelo cronista como o principal jogador do escreve brasileiro devido, principalmente, ao seu futebol-arte.

Elementos identitários como o drible, a malandragem, o futebol-arte – atribuídos essencialmente ao mestiço – são postos em cheque ao longo da história do futebol nacional, de acordo com os resultados que o selecionado brasileiro conquistava em campo. Quando o Brasil perde a Copa de 1950 para o Uruguai – no episódio conhecido como Maracanaço – o discurso nacional era de que os negros falharam e a derrota foi atribuída á mestiçagem. Já na Copa de 1958, a conquista do campeonato traz uma nova roupagem à seleção e 12 anos após o Maracanaço a mestiçagem conquista a Copa de 1962. Então fica claro que, a questão da

mestiçagem no futebol, era vista no Brasil como positiva quando o selecionado conquistava o campeonato, e negativamente quando o resultado era oposto.

4.2 O ESCRETE DE LOUCOS

A habilidade peculiar de driblar volta a ser citada por Nelson Rodrigues na crônica *O Escrete de Loucos*, publicada logo após a vitória da seleção brasileira e a conquista do bicampeonato mundial de futebol. Nesse texto, o cronista esportivo destaca a atuação de Garrincha na partida final contra a Tchecoslováquia e tece considerações a respeito da expectativa das seleções europeias em relação à atuação do *escrete* brasileiro e a Copa de 1962.

Novamente Garrincha é lembrado como o jogador herói, cujas características individuais ultrapassam o óbvio e dominam o adversário com seus dribles que, segundo Mario Filho, garantiam o deleite estético a seus espectadores, independente do clube de preferência.

Já em plena corrida, vai driblando o inimigo. São cortes límpidos, exatos, fatais. [...] Há, em torno do Mané, um marulho de tchecos. Novamente, ele começa a cortar um, outro, mais outro. [...] A Tchecoslováquia está derrotada, de alto a baixo, da cabeça aos sapatos. Mas Garrincha levou até a última gota o seu 'olé' solitário e formidável. Para o adversário, pior e mais humilhante do que a derrota, é a batalha desigual de um só contra onze (RODRIGUES, 2013, p.42)

Nesse trecho percebe-se o modo muito peculiar de Nelson Rodrigues analisar os acontecimentos em campo, cujas características principais são a imaginação e a fantasia. Ao invés de se preocupar em analisar o posicionamento tático das equipes como faziam outros cronistas chamados por Nelson de “idiotas da objetividade”, o cronista atentava aos detalhes que prendiam a atenção dos torcedores.

Nessa crônica, Nelson Rodrigues destaca ainda que, embora o “show” dado nos tchecos na vitória do Brasil por 3x1, Garrincha jogou com febre, reforçando a ideia de superação; do jogador que consegue tudo; do herói; daquele que vai além das condições humanas. Castro (1995) aponta que naquela manhã Garrincha estava resfriado e com quase 40 graus de febre, necessitando jogar após medicação com aspirina.

Além dos dribles habilidosos, outra característica destacada de modo fantasioso e até, digamos que dramático, nessa crônica é a aparência física do jogador: “[...] de um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo; de outro lado, feio e torto, o Mané” (RODRIGUES, 2013, p. 42-43). Embora o talento do jogador fosse indiscutível, Garrincha fisicamente deixava muitos jogadores e comissões técnicas boquiabertos, e se questionando como um homem com aquele perfil físico era capaz de jogar daquele jeito – ao menos nas palavras fantásticas do teatrólogo.

Garrincha pesava 67 quilos, tinha 1,69 metro e nada no pulmão. Os médicos do Botafogo eram os doutores Oscar Santamaria, clínico geral, e José Albano da Nova Monteiro, ortopedista. Mandaram-no subir numa mesa e examinaram suas pernas: Garrincha tinha o joelho direito em varo, virado para dentro, e o esquerdo em valgo, virado para fora, além de um deslocamento da bacia. Pelos cálculos, sua perna esquerda era seis centímetros mais curta que a direita. Dependendo do ângulo, via-se que ele era também ligeiramente estrábico. Talvez não despertasse admirações na antiga Grécia, mas nada disso o impedia de jogar futebol (CASTRO, 1995, p. 67).

Porém, vale a lembrança de que Nelson Rodrigues era um conceituado teatrólogo brasileiro, de maneira que transformava um simples episódio em uma grande dramatização: “[...] nos textos de Nelson Rodrigues o futebol se dramatiza, algumas vezes chegando até a ficar épico” (CAPRARO, 2007, p. 283).

Ainda nessa crônica, Nelson apronta a principal característica do brasileiro, cuja síntese, seria o próprio Garrincha: a molecagem, um dos elementos constituintes da mestiçagem do povo. Sobre Garrincha, o cronista o descreve como “[...] iluminado de molecagem, Garrincha tem nos pés uma bola encantada, ou melhor, uma bola amestrada” (RODRIGUES, 2013, p. 42). E, segundo ele, é essa molecagem atribuída ao *escrete* brasileiro que faz com que o Brasil tenha um “futebol delirante”, ao contrário do futebol europeu, dotado de objetividade e de esquema tático irreduzível.

Se aparecesse, na hora, um grande poeta, havia de se arremessar, gritando: ‘O homem só é verdadeiramente homem quando brinca’. Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo o brasileiro, está todo o Brasil. E jamais Garrincha foi tão Garrincha, ou tão homem, como ao imobilizar, pela magia pessoal, os onze latagões tchecos, tão mais sólidos, tão mais belos, tão mais louros do que os nossos. Mas vejam vocês: de repente, o Mané põe, num jogo de alto patético, um traço decisivo do caráter brasileiro: a molecagem (RODRIGUES, 2013, p. 43).

No Brasil, o futebol foi posto e reforçado por literatos – principalmente por meio das crônicas –, como uma prática essencialmente nacional, cujas peculiaridades do jogador brasileiro seriam a ginga, a malícia e o imprevisto no jogo (SOARES, 2003).

A molecagem e o futebol-arte de Garrincha eram elementos citados como um espetáculo a parte durante o jogo e que, segundo o cronista, muitas vezes arrancavam risos do público que assistia a partida, como na última jogada de Garrincha que ocorreu nos minutos finais contra a Tchecoslováquia: “Garrincha apanha e dispara. Já em plena corrida, vai driblando o inimigo. São cortes límpidos, exatos, fatais. E, de repente, estaca. Soa o riso da multidão — riso aberto, escancarado, quase ginecológico. [...] Garrincha ateava gargalhadas por todo o estádio” (RODRIGUES, 2013, p. 42). Essa molecagem no ato de jogar e a alegria que proporcionava ao espectador foi uma das características que rendeu a Garrincha o apelido de “alegria do povo”, o qual daria nome a um documentário⁷ sobre o jogador tanto profissional quanto pessoal. Nelson Rodrigues o comparava a Charles Chaplin, pela habilidade de reunir todos em torno de risos oriundos de uma alegria em comum.

Quando Garrincha faleceu, com apenas 49 anos, vítima do alcoolismo, o poeta Carlos Drummond de Andrade publicou uma crônica⁸ em homenagem ao jogador, na qual reforça a molecagem e a alegria na maneira de jogar apontadas por Nelson Rodrigues:

Se há um deus que regula o futebol, esse deus é sobretudo irônico e farsante, e Garrincha foi um de seus delegados incumbidos de zombar de tudo e de todos, nos estádios. Mas como é também um deus cruel, tirou do estonteante Garrincha a faculdade de perceber sua condição de agente divino. Foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam, e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente o sonho (DRUMMOND, 1983)

Castro (1995) destaca que boa parte dessa característica peculiar de jogar deve-se ao modo de vida que Garrincha levava, a qual, segundo o biógrafo, era vivida com alegria e, de certa forma, sem lavá-la muito a sério. Talvez esse fosse um

⁷ Garrincha, Alegria do Povo (1962). Documentário de Joaquim Pedro de Andrade.

⁸ Crônica de Carlos Drummond de Andrade: Mané e o Sonho, *Jornal do Brasil*, 22 jun. 1983.

dos motivos pelos quais o biógrafo acreditava que para Garrincha o futebol era uma coisa muito simples:

Garrincha não se preocupava com o adversário, qualquer que fosse. Não era menosprezo, mas um sublime desinteresse por táticas, chaves ou esquemas. O futebol era uma coisa muito simples, de onze contra onze, as camisas pouco lhe importavam (CASTRO, 1995, p. 261).

4.3 O HOMEM FORMIDÁVEL DO BRASIL

Nelson Rodrigues novamente lança a questão da molecagem como característica do *escrete* brasileiro na crônica *O Homem Formidável do Brasil*⁹, publicada logo após vitória da seleção brasileira e a conquista do bicampeonato mundial de futebol, em cujo texto Nelson Rodrigues faz uma comparação em relação à dificuldade da disputa e da conquista das Copas de 1958 e 1962, julgando a segunda como mais importante por ter sido mais difícil e mais dramática.

Além de destacar a vantagem do futebol brasileiro dotado de malandragem e molecagem em oposição ao “todo acadêmico” europeu, Nelson relembra o episódio da Copa de 1958 na Suécia, contra a Rússia, cuja ocasião Garrincha, ao entrar para jogar, “deu um novo *élan* ao quadro, libertou-o de suas pesadas inibições”. Pode-se afirmar então que Garrincha era visto por Nelson como um jogador decisivo, por impulsionar uma equipe a jogar e conquistar o resultado positivo na partida. Ruy Castro (1995) destaca que essa ocasião tratava-se da última partida da primeira fase da Copa de 1958, a qual o selecionado brasileiro precisaria vencer o “futebol científico” para passar para as quartas de final, ou então voltaria para casa confirmando o complexo de vira-latas. A pressão do *escrete* brasileiro ao time da URSS, com destaque para Garrincha, deixou o adversário no sufoco já nos primeiros minutos de jogo.

Monsieur Guigue, gendarme nas horas vagas, ordena o começo da partida. Didi centra rápido para a direita: 15 segundos de jogo. Garrincha escora a bola com o peito do pé: 20 segundos. Kuznetzov parte sobre ele. Garrincha faz que vai para a esquerda, não vai, sai pela direita. Kuznetzov cai e fica sendo o primeiro João da Copa do Mundo: 25 segundos. Garrincha dá outro drible em Kuznetzov: 27 segundos. Mais outro: 30 segundos. Outro. Todo o estádio levanta-se. Kuznetzov está sentado, espantado: 32 segundos.

⁹ Originalmente publicada na Revista Fatos & Fotos, Edição Histórica, jun. 1962.

Garrincha parte para a linha de fundo. Kuznetzov arremete outra vez, agora ajudado por Voinov e Krijveski: 34 segundos. Garrincha faz assim com a perna. Puxa a bola para cá, para lá e sai de novo pela direita. Os três russos estão esparramados na grama, Voinov com o assento empinado para o céu. O estádio estoura de riso: 38 segundos. Garrincha chuta violentamente, cruzado, sem ângulo. A bola explode no poste esquerdo da baliza de Yashin e sai pela linha de fundo: 40 segundos. A plateia delira. Garrincha volta para o meio do campo, sempre desengonçado. Agora é aplaudido. A torcida fica de pé outra vez. Garrincha avança com a bola. João Kuznetzov cai novamente. Didi pede a bola: 45 segundos. Chuta de curva, com a parte de dentro do pé. A bola faz a volta ao lado de Igor Netto e cai nos pés de Pelé. Pelé dá a Vavá: 48 segundos. Vavá a Didi, a Garrincha, outra vez a Pelé, Pelé chuta, a bola bate no travessão e sobe: 55 segundos. O ritmo do time é alucinante. É a cadência de Garrincha. Yashin tem a camisa empapada de suor, como se já jogasse há várias horas. A avalanche continua. Segundo após segundo, Garrincha dizima os russos. A histeria domina o estádio. E a explosão vem com o gol de Vavá, exatamente aos três minutos (BIANCHI, 1958, apud CASTRO, 1995, p. 164).

O Brasil venceu então a partida por 2x0 e classificou-se para as quartas de final e de acordo com Nelson Rodrigues, Garrincha foi o grande responsável. O cronista resume a conquista utilizando-se da dramatização e do seu típico exagero: “[...] nunca o orgulho do "científico" futebol soviético fora tão desmoralizado, e pelo mais improvável dos seres: um camponês brasileiro, mestiço, franzino, estrábico e com as pernas absurdamente tortas” (CASTRO, 1995, p. 165). Além disso, evidenciar as características físicas negativas de Garrincha pode ser uma das maneiras encontradas por Nelson Rodrigues para criar um herói às avessas tipicamente brasileiro.

Para Nelson Rodrigues, o futebol europeu poderia tentar copiar o futebol brasileiro, mas seria sem sucesso. E Garrincha era “o incopiável”. Levando em consideração as habilidades motoras características de Garrincha, Castro (1995) utiliza-se da expressão “gênio intuitivo” para descrevê-lo quanto ao seu jeito de driblar, arrancar e chutar. O “gênio intuitivo” de Ruy Castro pode ser comparado ao “gênio” de Norbert Elias (1995), quando este se refere ao compositor austríaco Mozart. Para Elias (1995), ser um gênio significa fazer coisas que a maioria das pessoas não sabia fazer, pois está acima da sua imaginação. Na análise que Elias faz de Mozart, o artista era visto como um gênio, pois “sabia dar rédea livre às fantasias”. Assim também pode ser interpretado Garrincha: um gênio, porém dos campos, dotado de molecagem e que sabia realizar belas jogadas driblando seus adversários.

4.4 GARRINCHA, PASSARINHO APEDREJADO

Já na crônica *Garrincha, passarinho apedrejado*¹⁰, por sua vez, Nelson escreve sobre o confronto das semifinais da Copa de 1962 entre Brasil e Chile – os donos da casa –, que culminou na vitória do selecionado brasileiro por 4x2, e na esperança da conquista do bicampeonato mundial de futebol.

Influenciando na criação do personagem Garrincha enquanto um herói nacional, Nelson Rodrigues afirma que na partida em que quase todo o estádio torcia contra o *escrete* brasileiro, o juiz inventou um pênalti para o Chile e perseguiu os jogadores brasileiros. Prosseguindo à criação fantasiosa a respeito do jogador, o cronista afirma que o pior erro da arbitragem foi a expulsão de Garrincha. Como fã assumido do jogador, o cronista julga o episódio como um erro, pois, conforme menciona na sua crônica – e fazendo jus ao exagero rodrigueano e ao toque de teatralidade e humor – “não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão passarinho como o Mané. O sujeito que se aproxima dele tem vontade de oferecer-lhe alpiste na mão. Os pombos aqui da Cinelândia, os pardais do Boulevard Vinte e Oito de Setembro, diriam: - ‘Nosso irmão, o Mané’” (RODRIGUES, 2013, p. 40).

É em trechos como esse citado acima que se expressa a criação artística característica dos textos de Nelson Rodrigues. Nessa época as partidas ainda eram transmitidas apenas pelo rádio, ou seja, os espectadores, incluindo Nelson Rodrigues, não tinham imagens da partida ao vivo e ficavam a mercê do locutor da rádio que estava narrando a partida. Toda cena narrada por Rodrigues foi uma (re)criação gerada a partir daquilo que ele estava ouvindo através do rádio, de modo que o episódio poderia ser narrado de diversas formas, porém o cronista optou por, de certa forma, embelezar o ocorrido e gerar complacência no leitor em relação à Garrincha. E por mais que o locutor tenha narrado os detalhes do lance que levaram Garrincha a ser expulso, Nelson, fã de Garrincha, não acreditaria, já que para ele Garrincha era tão ingênuo a ponto de ser o “passarinho” de alma leve.

Mas se pensarmos que nenhum jogador é expulso a toa, concluímos, então, que Garrincha não era tão ingênuo assim. Ruy Castro (1995), escrevendo em outro contexto e diante de imagens gravadas da partida em questão, afirma que a

¹⁰ Publicado originalmente na revista *Fatos & Fotos*, 23 jun. 1962.

expulsão foi justa. O biógrafo menciona que o agredido foi o zagueiro chileno Eladio Rojas, já conhecido de Garrincha em outras partidas junto ao Botafogo. Rojas tentou parar as jogadas de Garrincha a cotoveladas, dedos nos olhos e pontapés, mas como não conseguiu e Garrincha se sobressaiu a Rojas e ao resto da defesa chilena, deu um pontapé em Garrincha aos 39 minutos do segundo tempo, que revidou e acertou-lhe um tostão (chute de joelho), resultando na sua expulsão.

Além de construir a imagem de um homem ingênuo, outra representação que Nelson Rodrigues criava de Garrincha era a do jogador indispensável e decisivo para a seleção brasileira; aquele que – lançando-se um exagero tipicamente rodrigueano – sozinho era capaz de dar a vitória a sua equipe: “o time ou o país que tem um Mané é imbatível” (RODRIGUES, 2013, p. 41).

A partir dessa construção do jogador imbatível, Nelson finaliza essa crônica afirmando: “[...] deslumbrante país seria este, maior que a Rússia, maior que os Estados Unidos, se fôssemos 75 milhões de Garrinchas” (RODRIGUES, 2013, p. 41). Esse trecho pode representar admiração que tinha pelo jogador e imaginação de que Garrincha seria capaz de resolver todos os problemas da seleção brasileira, mas também a necessidade de afirmar perante todos que estava certo sobre o potencial do escrete brasileiro, ou, ainda, uma forma de atribuir ao mestiço o sucesso da seleção brasileira no campeonato mundial, já que a mestiçagem estava sendo bem vista no período em questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nelson Rodrigues foi um grande criador de personagens, e Garrincha foi um deles. Embora repletos de exageros, fantasias, questões sobrenaturais e metafísicas e outras mais, os textos de Nelson Rodrigues colaboraram na construção de uma memória futebolística nacional, na qual, Garrincha é um dos principais atores sociais.

A partir desse estudo foi possível identificar que durante o campeonato mundial de 1962 Nelson Rodrigues cria um personagem em torno de Garrincha que o transforma em um jogador *hors concours*. Uma das características mais destacadas dentro dessa personificação é a habilidade peculiar de driblar do jogador, a qual Nelson Rodrigues julga transformá-lo em um “gênio individual”, em um jogador único, decisivo em momentos importantes, dotado de capacidades que estão acima da condição humana.

Essa habilidade peculiar de Garrincha seria, segundo Nelson Rodrigues, em virtude da principal característica do brasileiro – a molecagem, que permitia ao Brasil um “futebol delirante”. Nelson Rodrigues acrescenta à molecagem de Garrincha a alegria que suas jogadas proporcionavam ao espectador, comparando-o a Charles Chaplin no quesito habilidade de reunir todos em torno de risos oriundos de uma alegria em comum. Todas essas características transformavam Garrincha, na visão de Nelson Rodrigues, em um jogador indispensável para a seleção brasileira. E a essas qualidades, somava-se ainda o homem terno, da “alma leve de passarinho”.

É importante destacar que nessa época não havia ainda transmissão ao vivo das partidas pela televisão, portanto, Nelson Rodrigues era tão criativo a ponto de conseguir “inventar” o Garrincha das crônicas somente ouvindo as narrações no rádio e a euforia das ruas, de modo que a subjetividade do cronista é visível em seus textos, envolta em fantasia e tom dramático. Outra questão a ser observada é que Nelson Rodrigues era visivelmente um fã de Garrincha, e certamente a admiração que o cronista tinha pelo jogador foi um dos fatores que contribuíram para a construção do herói dos gramados de 1962, do “incopiável”, segundo o cronista.

Essa imagem de Garrincha construída por Nelson Rodrigues foi a que se disseminou e permaneceu por muitos anos na memória do futebol nacional, até que muitas dessas características positivas atribuídas a Garrincha por Nelson Rodrigues

foram desconstruídas, anos mais tarde. No livro *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, biografado por Ruy Castro (1995), por exemplo, o biógrafo narra a história de Garrincha contando detalhes da vida do jogador que o transformam num herói às avessas. Apesar de Garrincha contribuir, assim como outros jogadores, para a conquista de campeonatos nacionais e mundiais de futebol, Através do relato de pessoas que conviveram diretamente com o jogador, Castro (1995) menciona que Garrincha era dotado de fraquezas humanas, como, por exemplo, a preguiça e a fragilidade, visto que o jogador tinha o costume de escapar das concentrações do hotel e voltar apenas de madrugada, faltar treinos por preguiça ou por ressaca, além das recorrentes crises na vida pessoal e profissional. Tais atitudes acarretaram na comparação do jogador ao estereótipo de Macunaíma, o herói “às avessas” da obra de Mário de Andrade (1993), desconstruindo a imagem fantasiosa construída por Nelson Rodrigues a respeito do jogador.

FONTES

RODRIGUES, Nelson. *O Brasil desencadeado*. Rio de Janeiro: Jornal dos Sports, 16 jun. 1962.

RODRIGUES, Nelson. *O escrete de loucos*. Rio de Janeiro: Fatos & Fotos, edição histórica, jun. 1962.

RODRIGUES, Nelson. *O homem formidável do Brasil*. Rio de Janeiro: Jornal dos Sports, 20 jun. 1962.

RODRIGUES, Nelson. *Garrincha, o passarinho apedrejado*. Rio de Janeiro: Fatos & Fotos, 23 jun. 1962.

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, Tiago Lisboa; *et. al.*. *A pátria de chuteiras está desaparecendo?* Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 32, n. 1, p. 9-23, setembro 2010.

BENCHIMOL, Jaime (org.). Narrativa documental e literária nas biografias. *Manguinhos: história, ciências, saúde*. Rio de Janeiro, vol. 2, n.2, jul.-out. 1995, p. 93-113.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, A. *et. al.* *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CANDIDO, A.. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Queroz, 2000.

CAPRARO, A. M. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. Curitiba, 2007. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná.

CAPRARO, A. M.. O gênero crônica e o esporte futebol: elementos de uma cultura genuinamente brasileira. In: *Simpósio Nacional de História, 23.*, 2005, Londrina. Anais eletrônicos. Londrina: UEL, 2005.

CASTRO, R. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTRO, R. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

COUTO, A.A.G. Manchete Esportiva e sua primeira fase (1955-1959): Diálogo entre Imagens e Crônicas Moderna. In: *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO – Ofício do Historiador: Ensino & Pesquisa*, 2012.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Sérgio Góes de Paula (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

FRANCO, Hilario Jr. *A dança dos deuses. Futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARQUES, J. C. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MELO, V. A. *Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v. 20, n.4, p.281-95, out./dez. 2006.

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. História Oral, 3, 2000, p.109-116.

OLIVEIRA, A.F. *Etnicidade, memória e poder nas crônicas de Lima Barreto e João do Rio: entre o dilema e o silenciamento*. Belo Horizonte, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras da UFMG.

ORLANDI, Eni P. Meio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre (et.al.)Papel da Memória. Trad.: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Natasha. *Freud Explica isso?* Curitiba, 2012. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Minas Gerais.

SOARES, E. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.

SOARES, A. J. Futebol Brasileiro e Sociedade: a Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre. In: *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

VOGEL, Daisi Irmgard. *Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues*. Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina (Dissertação de Mestrado), 1997.

ANEXOS

CRÔNICA: O BRASIL DESENCADEADO

Os lorpas, os pascácios poderão
 objetar que se trata de futebol,
 apenas o futebol. Não é só o futebol.
 É, sobretudo, o homem brasileiro.

O Brasil desencadeado⁵

Amigos, vocês podem acreditar: — quem não estiver sofrendo, neste momento, é um mau caráter. E por que mau-caráter? Vou explicar, calma, vou explicar. O Brasil vai jogar amanhã a partida mais dramática de toda a sua história, e eu quase diria: — como é possível não sofrer diante da formidável batalha?

O começo de qualquer partida é uma janela aberta para o infinito. Ao soar o apito inicial, todas as possibilidades passam a ser válidas. Eu falava em sofrimento. Tudo no jogo de amanhã justifica uma tensão intolerável. Há a angústia da dúvida. E há a angústia inversa da certeza. Milhões de brasileiros estão certos do bi. E, apesar disso, ou com isso mesmo, andam crispados em casa, na rua, por toda parte.

Por isso, eu vos disse que o indiferente dá, de si mesmo, do próprio caráter, uma tristíssima ideia. Indiferentes, por quê, se vai definir, dentro de 24 horas, o destino do escrete? Os lorpas, os pascácios poderão objetar que se trata de futebol, apenas o futebol. Não é só o futebol. É, sobretudo, o homem brasileiro. Os nossos craques estão ganhando no Chile com as qualidades de coragem, inteligência, imaginação, entusiasmo, gênio do homem brasileiro.

Eis por que a batalha do escrete implica toda a nação. Até os xavantes, que põem em cima da nudez aquele casto cinto de barbante, até o xavante, dizia eu, está pessoalmente interessado no bi. Em 50, não foi

⁵ Esta crônica foi publicada originalmente na coluna "Nelson Rodrigues dá bom dia". (N.E.)

apenas um time que fracassou no Maracanã. Foi o homem brasileiro, como em Canudos. Em 58, quem venceu? O Brasil. Quando Bellini apanhou o caneco de ouro, era o novo homem brasileiro que se proclamava.

Assim será amanhã, em Santiago. Em outro tempo, a luta seria mais dura e mais problemática. O homem do Brasil ainda não tinha amadurecido. Nas grandes partidas internacionais, ele entrava em campo arrasado emocionalmente. Perdia antes da derrota. Mas 58 nos libertou de todas as nossas frustrações. Os negros, os mulatos, os brancos do país surgiram numa plenitude até então desconhecida.

E, de então para cá, o brasileiro tem um destino de campeão. Vence tudo. Os nossos cavalos triunfam, lá fora, não porque sejam bons, mas porque são brasileiros. As nossas caixas de fósforos ganham nas exposições. Há coisa mais comovente do que um zebu premiado, com uma medalha pendurada na fitinha? Se os cavalos, os zebus, as caixas de fósforos estão brilhando — por que falharia o homem?

Aí é que está: — é o homem brasileiro que vai lutar amanhã, contra o tcheco, para levantar o bi. Eu acredito na vitória, ou por outra: — só acredito na vitória. Creio que, dentro de 24 horas, o escrete do Brasil oferecerá ao mundo a melhor exibição de toda a sua biografia.

Temos Garrincha. E o Mané, sozinho, com o seu gênio individual, vale por um time. Já foi consagrado a maior figura da Copa. E todo o escrete vai jogar com a flama de Garrincha. Vavá, na última partida, marcou dois gols. Está desencabulado. E terá, em campo, a ferocidade de um cossaco do Don e do Kuban. Há também Amarildo, o Possesso. O dostoiévskiano andou se machucando. Mas vai aparecer, amanhã, mais possesso do que nunca. Acredito no bi, porque, repito, acredito no homem genial do Brasil.

Jornal dos Sports, 16/6/1962

CRÔNICA: O ESCRETE DE LOUCOS

Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem.

O escrete de loucos

Amigos, a bola foi atirada no fogo como uma Joana d'Arc. Garrincha apanha e dispara. Já em plena corrida, vai driblando o inimigo. São cortes límpidos, exatos, fatais. E, de repente, estaca. Soa o riso da multidão — riso aberto, escancarado, quase ginecológico. Há, em torno do Mané, um marulho de tchecos. Novamente, ele começa a cortar um, outro, mais outro. Iluminado de molecagem, Garrincha tem nos pés uma bola encantada, ou melhor, uma bola amestrada. O adversário para também. O Mané, com quarenta graus de febre, prende ainda o couro.

A partida está no fim. O juiz russo espia o relógio. E o Brasil não precisa vencer um vencido. A Tchecoslováquia está derrotada, de alto a baixo, da cabeça aos sapatos. Mas Garrincha levou até a última gota o seu "olé" solitário e formidável. Para o adversário, pior e mais humilhante do que a derrota, é a batalha desigual de um só contra onze. A derrota deixa de ser sóbria, severa, dura como um claustro. Garrincha ateava gargalhadas por todo o estádio. E, então, os tchecos não perseguiram mais a bola. Na sua desesperadora impotência, estão quietos. Tão imóveis que pareceram empalhados.

Garrincha também não se mexe. É de arrepiar a cena. De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo; de

outro lado, feio e torto, o Mané. Por fim, o marcador do brasileiro, como única reação, põe as mãos nos quadris como uma briosa lavadeira. O juiz não precisava apitar. O jogo acabava ali. Garrincha arrasara a Tchecoslováquia, não deixando pedra sobre pedra.

Se aparecesse, na hora, um grande poeta, havia de se arremessar, gritando: — “O homem só é verdadeiramente homem quando brinca!” Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo o brasileiro, está todo o Brasil. E jamais Garrincha foi tão Garrincha, ou tão homem, como ao imobilizar, pela magia pessoal, os onze latagões tchecos, tão mais sólidos, tão mais belos, tão mais louros do que os nossos. Mas vejam vocês: de repente, o Mané põe, num jogo de alto patético, um traço decisivo do caráter brasileiro: — a molecagem.

O Hélio Pellegrino, que é poeta e psicanalista, dizia-me, outro dia: — “O brinquedo é a liberdade!” E para Garrincha, o brinquedo, no fim da batalha, foi a molecagem livre, inesperada, ágil e criadora. Varou os pés adversários, as canelas, os peitos. Não tinha nenhum efeito prático a sua jogada arrebataadora e inútil. Mas o doce na molecagem é a alegria insopitável e gratuita. E não houve, em toda a Copa, um momento tão lírico e tão doce.

Amigos, ninguém pode imaginar a frustração dos times europeus. Eles trouxeram, para 62, a enorme experiência de 58. Jogaram contra o Brasil na Suécia, trataram de desmontar o nosso futebol, peça por peça. Toda a nossa técnica e toda a nossa tática foram estudadas com sombrio *élan*. Sobre Garrincha, eis o que diziam os técnicos do Velho Mundo: — “Só dribla para a direita!” Era a falsa verdade que se tornaria universal. O próprio Pelé parecia um mistério dominado.

Após quatro anos de meditação sobre o nosso futebol, o europeu desembarca no Chile. Vinha certo, certo, da vitória. Havia, porém, em todos os seus cálculos, um equívoco pequenino e fatal. De fato, ele viria a apurar que o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem o mesmíssimo futebol, seria o desastre. Eis

o patético da questão: — a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana. Jamais, em toda a experiência do Chile, o tcheco ou o inglês entendeu os nossos patrícios. Para nos vencer, o alemão ou o suíço teria de passar várias encarnações aqui. Teria que nascer em Vila Isabel, ou Vaz Lobo. Precitaria ser camelô no largo da Carioca. Precitaria de toda uma vivência de botecos, de gafieira, de cachaça, de malandragem geral.

Aí está: — no Velho Mundo os sujeitos se parecem, como soldadinhos de chumbo. A dessemelhança que possa existir de um tcheco para um belga, ou um suíço, é de feição do terno ou do nariz. Mas o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem. Citei a brincadeira de Garrincha num final dramático de jogo. Era a molecagem. Aqueles quatro ou cinco tchecos, parados diante de Mané, magnetizados, representavam a Europa. Diante de um valor humano insuspeitado e deslumbrante, a Europa emudecia, com os seus túmulos, as suas torres, os seus claustros, os seus rios.

Vocês assistiam, pelo videoteipe, todos os jogos. O europeu aparecia com uma seca, exata objetividade, sem uma concessão ao delírio. Ele próprio se engradava dentro de um esquema irredutível. Ao passo que o Brasil faz um futebol delirante. Numa simples ginga de Didi, há toda uma nostalgia de gafieiras eternas. O nosso escrete era vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora. Só a Espanha é que chegou a lembrar o Brasil. Seu escrete parecia passional também. Mas logo se percebeu a falsa semelhança. Os espanhóis têm uma paixão sem gênio, uma paixão burra. Chegaram a nos ameaçar, por vezes. Veio, porém, um sopro da praça Sete, do Ponto de 100 Réis¹², e Amarildo, o Possesso, encampou dois.

Contra a Inglaterra foi uma vitória linda. Não tínhamos rainhas, nem Câmara de Comuns, nem lordes Nelsons. Mas tínhamos Garrincha. E

¹² O Ponto de Cem Réis é como ficou conhecida a Praça Vidal de Negreiros, localizada em João Pessoa (PB).

tinhamos Zagalo, o de canelas finfssimas e espectrais. E Nilton Santos, com a sua salubérrima eternidade. E negros ornamentais, folclóricos, como Didi, Zózimo e Djalma Santos. Logo se viu, entre o nosso craque e o inglês, todo um abismo voraz. O inglês apenas joga futebol, ao passo que o brasileiro “vive” cada lance e sofre cada bola na carne e na alma. Djalma Santos põe, no seu arremesso lateral, toda a paixão de um Cristo negro.

E mesmo fora do futebol, o europeu faz uma imitação da vida, enquanto que o brasileiro vive de verdade e ferozmente. Ninguém compreenderá que foi a nossa qualidade humana que nos deu esta Copa tão alta, tão erguida, de frente de ouro. E mais: — foi o mistério de nossos botecos, e a graça das nossas esquinas, e o soluço dos nossos cachaças, e a euforia dos nossos cafajestes. Jogamos no Chile com ardente seriedade. Mas a última jogada de Mané, no adeus aos Andes, foi uma piada, tão linda e tão plástica. No mais patético das batalhas, o escrete soube brincar. Esse toque de molecagem brasileira é que deu à vitória uma inconcebível luz.

Fatos & Fotos, Edição histórica, junho de 1962

CRÔNICA: O HOMEM FORMIDÁVEL DO BRASIL

Eu diria ainda que nós também
 “vivemos” o futebol, ao passo que o
 inglês, ou o tcheco, o russo apenas
 o joga. Há um abismo entre a seca
 objetividade europeia e a nossa
 imaginação, o nosso fervor, a nossa
 tensão dionísica.

O homem formidável do Brasil⁶

Amigos, vamos admitir esta verdade eterna e inapelável: — a Copa de 1962 foi mais importante do que a de 1958. Algum lorpa, algum pas-cácio poderá objetar que, na Suécia, houve mais facilidade. De acordo. Naquela ocasião, com efeito, o Brasil deu um passeio, um autêntico passeio. Sofremos um pouco, nos dois primeiros jogos iniciais, com a Áustria e a Inglaterra; já contra a Rússia, foi um deslumbamento total. Garrincha entrou e o Mané deu novo *élan* ao quadro, libertou-o de suas pesadas inibições. Sofremos ainda um pouquinho contra o País de Gales, que se aferrolhou, se tapou, se trancou, com unhas e dentes.

Em momento nenhum, porém, o nosso escrete deixou de dominar. O País de Gales limitou-se a uma desesperada, uma obtusa defesa. Uma vez na vida, outra na morte, dava um contra-ataque insignificante, impotente. No segundo tempo, Pelé enfiou o seu. Era vitória. Já na semifinal e na final, o Brasil enfiou os franceses e os suecos numa banheira de Cleópatra e os lavou em leite de cabra. Pois bem. Eu digo que a Copa de 62 foi mais importante pelo seguinte;

⁶ Esta crônica foi publicada originalmente na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”. (N.E.)

— porque foi mais difícil, mais árdua, mais áspera, mais dramática. A facilidade humilha.

Na Suécia, o escrete era um ilustre desconhecido. Ninguém sabia dos nossos dons, ninguém imaginava a graça, o sortilégio do nosso futebol. Os europeus lançaram em campo o seu futebol todo medido, todo acadêmico, sem um toque de fantasia, quadradíssimo. Muito bem. E o Brasil entrou com os seus dons maravilhosos de molecagem, de malandragem. Cada jogada de um Pelé, ou de um Mané, ou de um Didi, ou de um Zito vinha pesada, vinha encharcada de imaginação. Os do Velho Mundo entraram pelo cano, e vamos admitir: — tinham de entrar.

E quando, finalmente, os brasileiros voltaram da Suécia com o caneco no bolso, os europeus raciocinaram: “Bem, a forra vai ser em 62!” Eles se prepararam para 62. Estudaram planos formidáveis. E largaram-se para o Chile, radiantes da vida e crentes que iam anular os Garrinchas, os Pelés. De fato, o futebol da Europa está mudando. Mas isso não bastava. E tanto não bastava que eles entraram pelo cano, outra vez. Cabe então a pergunta: — e por quê?

É simples: — porque mudaram o futebol e não mudaram os homens. Os brasileiros têm recursos que só eles próprios sabem usar. Por outro lado, a sua qualidade humana é muitíssimo melhor. Amigos, vamos reconhecer com sóbria e exata autocrítica: — não há, presentemente, no mundo, uma figura humana tão complexa, tão rica, tão potencializada como o brasileiro. Eis o óbvio, que nem todos enxergam: — o maior homem da época é o do Brasil.

Os europeus podiam, sim, copiar, tanto quanto possível, o nosso futebol. Mas não podiam imitar o inimitável, ou seja: — o homem brasileiro. Garrincha é, por excelência, o incopiável. Pode-se imitar um europeu, porque eles se parecem, como soldadinhos de chumbo. Mas quem pode assemelhar-se a um Pelé? Ou a um Mané? Ou a um Zagalo? Ou a um Amarildo, o Possesso? Para ter a agilidade, a imaginação, a molecagem, o gênio de brasileiro o tcheco não pode ser tcheco, precisa ser um brasileiro nato.

O que se faz, na Europa, é uma imitação de vida. Ao passo que nós “vivemos” de verdade, e repito: — nós vivemos a vida, em todas as suas

possibilidades e conseqüências. Numa simples jogada, nós pomos uma carga de vontade, de caráter, de personalidade, de invenção que o europeu sequer compreende. Eu diria ainda que nós também “vivemos” o futebol, ao passo que o inglês, ou o tcheco, o russo apenas o joga. Há um abismo entre a seca objetividade europeia e a nossa imaginação, o nosso fervor, a nossa tensão dionísica.

Eis a verdade: — no Chile o homem brasileiro teve mais audácia, mais sangue, mais *élan*, mais loucura que em 58. Amigos, desde Pedro Álvares Cabral, nunca o Brasil conquistou uma vitória tão gigantesca.

Jornal dos Sports, 20/6/1962

CRÔNICA: GARRINCHA, PASSARINHO APEDREJADO

E pior do que o terremoto, pior do que a torcida, pior do que as manchetes, pior do que o escárnio do rádio e da televisão: foi o juiz.

Garrincha, passarinho apedrejado

Amigos, a vitória sobre o Chile fez nascer um penacho em cada cabeça e esporas em cada calcanhar. O brasileiro anda por aí com ares do dragão do Pedro Américo. É a epopeia ventando nas nossas caras. Invisíveis cometas soam por todo o território nacional. Somos uma nação de 75 milhões de almas eretas como lanças. Mas vamos e venhamos: — o triunfo de quarta-feira merece toda essa euforia nacional.

O sujeito que, após os 4 x 2, não chorou lágrimas de esguicho é um mau-caráter. Mas eu dizia que foi uma vitória perfeita e irretocável. Os idiotas da objetividade querem colocar a partida em seus termos táticos e técnicos. O futebol, porém, foi um detalhe miserável, um frívolo pretexto. Pior era o que estava por trás. Amigos, o futebol do Chile não ameaçaria, normalmente, nem o Rosita Sofia.¹⁰

O perigo estava no massacre emocional do nosso escrete. Eis o sonho do Chile: — já que perderia no futebol, quis ganhar pela intimidação, pelo sarcasmo, pelo medo e, também, pelo apito. Contra os onze gatos-pingados do nosso time, levantou-se toda uma população. Imaginem vocês a luta desigual: — milhões querendo ver a caveira da equipe brasileira, posta em desesperadora solidão. A guerra das manchetes contra os nossos foi simplesmente hedionda.

¹⁰ O Sport Club Rosita Sofia foi fundado em 1941, no bairro de Cosmos, na cidade do Rio de Janeiro. O time era conhecido por perder para quase todos os adversários.

Eis o que os jornais diziam, em letras garrafais, tomando todo o alto da página: — “Com Didi ou sem Didi, os brasileiros farão pipi.” A palavra *pipi*, transmitida num berro gráfico, era de arrepiar. Ora, o escrete brasileiro tem seus negros plásticos, folclóricos, divinos. Há, no citado Didi, por exemplo, toda a dignidade racial de um príncipe etíope de rancho. Pois bem: — esses negros líricos, ornamentais, eram xingados como se fossem da Mau-Mau.¹¹

Não havia ninguém, no Chile, disposto a aplaudir ou simplesmente reconhecer os nossos possíveis méritos. Ou, por outra: — fomos tratados a pires de leite até o momento em que os locais venceram os russos e os nossos os ingleses. E como éramos os adversários, passamos a ser, automaticamente, os anticristos. Os piores ventos dos Andes, os ventos mais lívidos e mais pungentes, vinham queimar a nossa delegação. Dir-se-ia que a própria natureza se associava à guerra contra o pobre escrete brasileiro.

Aqui, a distância, eu via a hora em que haveria, lá, um terremoto privativo dos brasileiros. Pois bem. E vencemos, amigos. Vencemos contra tudo e contra todos. E repare que o escrete do Brasil não podia apresentar a sua máxima potencialidade. Primeiro houve uma baixa medonha. No jogo da Tchecoslováquia, com efeito, contundiu-se o deus Pelé. A notícia de sua distensão parou todo um povo. E viu-se uma coisa inédita para a experiência humana: — uma distensão chorada e velada por toda uma pátria.

Mas o povo brasileiro é tão formidável que, na vaga de um gênio, pôs outro gênio. Ou, por outras palavras, na vaga de Pelé, arranjou, improvisou outro Pelé: — Amarildo. E, no jogo seguinte, também Amarildo se machuca. Como se não bastasse, abriu-se, nas canelas de Didi, uma constelação de feridas. E que vimos nós? Levando nas pernas chagas deslumbrantes, Didi foi mais um príncipe etíope do que nunca. Contra o Chile, através dos noventa minutos, ele não perdeu, em instante nenhum, a sua ginga maravilhosa de gafeira.

Ferido na carne e na alma, o escrete do Brasil derrubou o Chile. É possível que até a natureza tivesse preparado algum terremoto contra

¹¹ A Mau-Mau foi um grupo paramilitar que lutou contra o domínio britânico no Quênia. Entre 1952 e 1960, liderou uma das principais revoltas da descolonização do continente africano.

nós. E ganhamos. Mesmo que atirassem contra o Brasil um furacão da Flórida, saíramos invictos da batalha. E pior do que o terremoto, pior do que a torcida, pior do que as manchetes, pior do que o escárnio do rádio e da televisão: foi o juiz. Está provado que o árbitro entrou em campo para meter a mão no bolso do Brasil.

O ladrão fez o diabo para impedir o triunfo brasileiro. Inventou um pênalti, ou seja, deu um gol de presente ao Chile. Perseguiu os nossos jogadores com um descarro gigantesco. Não se conhece, na história do futebol, um apito tão cínico e tão vil. O seu pecado mais horrendo, porém, foi a expulsão de Garrincha. Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão passarinho como o Mané. O sujeito que se aproxima dele tem vontade de oferecer-lhe alpiste na mão. Os pombos aqui da Cinelândia, os pardais do Boulevard Vinte e Oito de Setembro, diriam: — “Nosso irmão, o Mané.” E Garrincha foi expulso. Mas ganhamos assim mesmo. Pois vencemos o juiz, vencemos o escrete chileno, as manchetes, os terremotos, a cordilheira. Apedrejaram Garrincha, e vencemos.

Eis o mistério do escrete e do Brasil. O time ou o país que tem um Mané é imbatível. Hoje, sabemos que o problema de cada um de nós é ser ou não ser Garrincha. Deslumbrante país seria este, maior que a Rússia, maior que os Estados Unidos, se fôssemos 75 milhões de Garrinchas.

Fatos & Fotos, 23/6/1962